Fotos: Guilherme Gomes

Confraria dos motoqueiros

Psicólogo de Assis estuda o espírito comunitário e conservador de um motoclube da zona leste da capital paulista, onde violência e uso de drogas são repreendidos e o ingresso de mulheres e ateus é vetado

Gilberto Amendola
unespciencia@unesp.br

Para encontrar a sede do motoclube Dorme Suju's, em São Miguel Paulista, na zona leste da cidade de São Paulo, é preciso estar atento ao ronco potente dos motores e aos acordes secos do rock clássico. Ou, se tiver coragem, tentar seguir a trilha de uma Harley-Davidson pilotada por um homem de colete de couro com uma caveira risonha grudada nas costas.

Um pequeno grupo observou com desconfiança o táxi que trazia a reportagem de **Unesp Ciência**. Depois descobrimos que o problema não era conosco, mas com o veículo. Carros não são bem-vindos. O espaço é exclusivo para motos. Centenas delas estavam paradas na entrada da sede.

Nossa primeira reação ao ambiente foi de estranhamento. O cheiro do churrasco, as garrafas de cerveja sobre as mesinhas de lata e a barraquinha de doces davam a impressão de termos caído numa quermesse radical, espécie de festa junina com um pessoal da pesada.

Ali encontramos o psicólogo Antonio Carlos Barbosa da Silva, pesquisador da Unesp em Assis. Barbosa está no início de um estudo sobre tribos urbanas e a resistência destes grupos ao sistema capitalista. "Escolhi a tribo dos motoclubes porque ela é uma das mais consistentes. Seus integrantes costumam ter mais de 25 anos, já são pessoas estruturadas, pais de família... É diferente dos emos, punks e skinheads, por exemplo", explica ele.

"A pós-modernidade criou uma dinâmica social que nos impõe o individualismo, a competitividade e o consumismo exacerbado. Numa tribo como essa, encontramos o oposto: fraternidade, amizade, compaixão e valores comunitários", prossegue o pesquisador. Suas ponderações colocam em xeque o senso comum de que estes motociclistas (como eles preferem ser chamados, em vez de motoqueiros) seriam parte de um movimento radical, membros de uma gangue, um bando de arruaceiros, feios, sujos, maus etc.

Conhecer o presidente do Dorme Suju's nos dá uma boa pista sobre o perfil da tribo – e talvez decepcione quem ainda insistem em guardar uma imagem "romântica" do que seria um "líder sobre duas rodas". Fomos apresentados ao capitão da Polícia Militar Norberto Cassavara, 50 anos, um dos fundadores do clube e mais conhecido no mundo das motos como Cassa.

CLUBE DO BOLINHA
O psicólogo Antonio Carlos Barbosa (*à esq.*) com o presidente do motoclube; sua aluna Marina Casadei pode ir às festas, mas não às reuniões mensais do grupo

SÓ FALTA O TAPA-OLHO
"Tem a ver com meu jeito. Pena que ainda tenha preconceito", diz Pirata

CAMARADAGEM
Companheirismo nas estradas e fora delas é o principal motivo pelo qual os aspirantes se submetem às regras do Dorme Suju's

QUERMESSE RADICAL
Confraternização que acontece sempre no segundo domingo do mês na zona leste de SP parece festa junina da pesada

SEM RESTRIÇÃO
Não há exigências quanto ao modelo e à potência das motos, por isso a maioria é do tipo comum, mas alguns membros orgulham-se de suas companheiras exóticas

Para Cassa, não há conflito algum entre suas duas personas. Ao contrário, elas se complementam. "Meu avô lutou na Revolução Constitucionalista de 1932. Na época, as motos eram usadas para vigiar as fronteiras da cidade contra os inimigos. Eu e o Dorme Suju's viemos dessa linhagem, temos esse DNA de soldados, de guerreiros mesmo. Defendemos o que é certo, a instituição da família e os mais necessitados", brada.

Homenagem aos mortos

Além de policial, Cassa é professor de heráldica, o estudo de brasões e escudos. Assim, o símbolo do grupo, uma caveira com capacete, só poderia ter sido criado após minuciosa pesquisa.

"A caveira com o capacete, com sua face branca voltada para a direita, significa a morte simples, pura e profunda", descreve. "Trata-se de uma homenagem aos motociclistas que já morreram. Uma forma de pedir proteção aos que já tombaram nas estradas."

Já que o capitão explicou os motivos do seu brasão, não custa nada perguntar sobre a origem do nome Dorme Suju's. Seria uma referência bem-humorada às dificuldades em encontrar um chuveiro ao longo da estrada? "Tem gente que acha que tem a ver com falta de banho, mas não é", explica ele. "Dorme Suju's é uma composição de duas palavras, uma greco-romana e a outra latina, as quais juntas significam: 'descanso elevado, enaltecido, superior'. Ou seja, a morte."

"O Dorme Suju's é formado por muitos policiais militares, o que dá uma característica bastante peculiar ao grupo. Eles não são ligados aos movimentos de contestação ou de esquerda. São agentes da ordem, do *status quo*", analisa Barbosa. "Toda a comunidade é conservadora. E lembre-se que uma tribo ou qualquer comunidade antiga controla o indivíduo com mão de ferro, do nascimento até a morte. No Dorme Suju's existe essa vigilância constante entre os indivíduos", completa.

Fazer parte desta tribo não é nada simples. Não basta chegar com uma moto, ter habilitação e espírito estradeiro. Para ingressar na família Dorme Suju's, o interessado precisa ser apresentado por um dos atuais 75 componentes do grupo. Depois o aspirante tem sua vida esmiuçada.

Mesmo se tudo estiver de acordo com as normas de conduta do clube, um curioso critério ainda pode eliminar o candidato. "Se o sujeito me disser que é ateu, acho difícil de aceitar aqui. Não entra", esclarece Cassa. "Uma pessoa que não acredita em Deus não tem medo de morrer, não é uma pessoa legal de se pegar estrada junto", justifica-se.

Antes da aceitação definitiva, o aspirante passa alguns meses em experiência, usando um colete provisório. Durante esse período ele é chamado de "costela", em referência ao osso de Adão, que segundo textos sagrados teria dado origem à mulher. Espécie de agregado, o costela só se tornará integrante quando ganhar o símbolo mais importante do grupo, o colete oficial. Nessa ocasião, ele faz um juramento na frente de colegas. Eis o juramento:

Diante dos membros do Dorme Suju's, de livre vontade, pela minha honra e pela minha fé, eu juro e prometo ser leal à Associação de Motociclistas Dorme Suju's, respeitar e cumprir as leis, ser fiel aos princípios éticos e morais, fazer o bem e auxiliar os mais necessitados, ter espírito de grupo. Se violar este juramento, seja-me declarado sacrilégio para com os motociclistas e devolverei toda insígnia do Dorme Suju's.

"Uma comunidade como essa vive de relações sólidas, de laços que são levados a sério", diz o pesquisador de Assis. "Não poderia mesmo ser fácil ingressar neste grupo, já que um dos seus valores é justamente o de ser um espaço de exceção para poucos e merecedores participantes", prossegue. "Em uma época de individualismo e hedonismo exacerbados, esses homens se mostram disponíveis para estabelecer relações e acabam criando uma verdadeira rede de proteção social."

Como foi possível observar pelas regras que regem a convivência no Dorme Suju's, o grupo mantém ligação estreita com a Igreja Católica. Há parcerias com diversas paróquias do interior do Estado.

Eventos organizados pelo motoclube quase sempre envolvem arrecadação de alimentos, que são entregues "na mão de padres responsáveis". O caso mais marcante de cooperação com a Igreja acontece na cidade de Nazaré Paulista. Lá o Dorme Suju's faz sua festa anual, em outubro, e tudo que é arrecadado durante os festejos vai para ações de caridade.

> "Eles não são ligados a movimentos de esquerda. São agentes da ordem", analisa Antonio Carlos Barbosa. Toda a comunidade é conservadora e a tribo controla seus membros com mão de ferro, a vigilância entre os indivíduos é constante, explica

Mulheres à margem

Para a realização de sua pesquisa, Barbosa conta com o apoio da aluna Marina Coimbra Casadei. O curioso é que, embora tenha sido bem recebida pelo pessoal,

CLIMA FAMÍLIA
Filhos dos associados vestem colete infantil e desejam seguir passos dos pais

EXCEÇÃO À REGRA
Jaque, uma das duas únicas mulheres que são membros efetivos do clube

PAGODE E SERTANEJO NÃO ENTRAM
Banda Rock and Road só toca clássicos; *no alto*, o consumo de bebida (*à esq.*), que deve ser moderado, e o colete oficial (*à dir.*), cobiçado pelos aspirantes

ela não pode assistir à reunião mensal do motoclube, à qual Barbosa tem acesso. "É porque sou mulher...", diz Marina.

Entre os 75 membros do Dorme Suju's, apenas dois são do sexo feminino: Maiza e Jaque. Elas são fundadoras do grupo e têm o privilégio de receber o mesmo tratamento dos homens.

"Não é fácil ser mulher nesse meio, mas o respeito é algo que você conquista. Eu não acho que tem que ser mais fácil para uma mulher entrar no grupo. Para mim, conta o merecimento", diz Maiza. "O pessoal do motoclube costuma evitar muita mulher no meio porque, dizem, traz muita confusão, fofoquinha, diz que me diz", acrescenta Jaque.

Questionado sobre a baixa representatividade feminina no grupo, Cassa explica que "as mulheres teriam dificuldade em acompanhar as viagens e a vida na estrada, principalmente pelas obrigações que elas têm com a casa e com a criação dos filhos".

Esposas e namoradas, porém, são bem-vindas, mas serão sempre "costelas". No caso das namoradas, para usar o colete é preciso estar "no cargo" há mais de um ano. "Apesar das restrições, ser namorada de um motociclista é muito estimulante. Para mim, que tenho uma vida certinha, é um sonho, uma aventura", diz a funcionária pública Kleou Egle da Rocha.

Uma tribo com tantas regras precisa contar com uma diretoria de disciplina. Para essa função, o Dorme Suju's designou o policial militar José Correia Silveira, conhecido na comunidade como Tombo. "Toda sociedade precisa de regras para funcionar. Com a gente, não é diferente", diz ele.

É o diretor de disciplina quem costuma falar durante as reuniões do grupo. Nessas ocasiões, Tombo cobra a presença dos associados nas festas do Dorme Suju's e nos eventos realizados por outros motoclubes na cidade, além de fiscalizar o comportamento dos indivíduos durante viagens e reuniões.

O disciplinador também tem carta branca para entrar na vida íntima dos associados. Se alguém estiver traindo a mulher ou com problemas no trabalho, ele tem autoridade para "se meter" e aconselhar seus comandados.

Tombo diz que seu trabalho é manter o grupo longe das drogas e das brigas (principalmente das internas). "Nossas festas têm um ambiente familiar. Temos muitas crianças aqui. Fico de olho nas garrafas de cerveja vazias em cima da mesa, passo recolhendo. No caso de algum entrevero, isso diminui o risco de alguém se machucar. Também fico atento ao comportamento de cada um, principalmente ao abuso de álcool."

As punições podem variar de uma simples reprimenda verbal, uma suspensão de 45 dias ou até a expulsão definitiva do grupo. "Dói muito ter que tomar uma atitude mais firme contra um companheiro. Mas é assim que funciona", comenta Tombo. Para o pesquisador da Unesp, a disciplina dura faz parte do que ele chama de neotribalismo.

"De um modo geral, o neotribalismo é sinônimo de revolução e conservadorismo, vanguarda e retaguarda", analisa o pesquisador da Unesp. "Essa congruência de elementos sublimes e mesquinhos faz com que as comunidades na contemporaneidade adquiram *status* contraditórios, sendo malquistas tanto pelos conservadores quanto pelos progressistas."

Só rock and roll

Um dos objetos de estudo de Barbosa são as "máscaras" usadas pelos motoqueiros, tanto as comportamentais como as relacionadas ao visual deles. Existem fetiches evidentes, como roupas de couro, tatuagens, bandanas, caveiras e o rock clássico. "A gente sempre tem que tocar *Born to be wild*, do Steppenwolf, e rocks que tenham a ver com estrada", diz a cantora Anete Santa Lúcia, da banda Rock and Road, que costuma se apresentar em eventos de motoclubes pelo Estado de São Paulo.

"Não adianta eu tentar cantar indie rock ou qualquer outro tipo de ritmo aqui", afirma ela. Sérgio Simões, diretor de marketing do Dorme Suju's, é mais enfático: "Não existe pagode, não existe forró e não existe sertanejo para motociclista. É só o bom e velho rock and roll".

No evento visitado pela reportagem, não era possível encontrar sequer um integrante que não estivesse completamente paramentado com o brasão do grupo ou outros elementos característicos. A imagem do motoclube também é explorada comercialmente, ainda que de forma um tanto amadora, por meio da venda de camisetas.

Embora defenda que nas festas do Dorme Suju's o consumismo ocorra de forma moderada, Barbosa nota que, em alguns eventos, os shows parecem seduzi-los a ir às revendedoras de motos e instrumentos musicais, deflagrando uma verdadeira febre de consumo.

Naquela noite encontramos o serralheiro aposentado Marco Antônio Martins, 60 anos, que veste como ninguém a máscara que adquiriu participando do grupo. Embora não estivesse de tapa-olho, todo o resto (tatuagens, brincos, cabelo e bandana) justificava o apelido que ostenta em seu colete: Pirata.

"Eu gosto de ser chamado assim. Tem a ver com meu jeito, com o meu visual. Pena que tem gente na sociedade que ainda confunde. Tem muito preconceito", diz ele. A temática do preconceito volta com outro motociclista, o aparentemente pacato João Vicente da Silva, 58 anos: "O pessoal fica com pé atrás com a gente que tem uma vida de cachorro louco", protesta.

Barbosa já percebeu essas mudanças de comportamento. "Aqui no grupo, os indivíduos vestem seus personagens idealizados, como se tivessem outra identidade mesmo. Poder ser uma pessoa diferente daquela do cotidiano é um dos grandes atrativos", diz.

O Dorme Suju's não exige que seus participantes tenham um tipo específico de moto, nem que elas tenham uma potência mínima (alguns grupos só permitem filiação se a pessoa tiver uma Harley-Davidson com mais de 600 cilindradas). Mais ou menos vistosas, elas são tratadas com deferência e paixão por seus donos.

O mecânico José Moreira Barros, o Zé Moreira, construiu seu próprio mototriciclo. "Eu sempre quis ter um triciclo. Então comprei um Fusca e, com a estrutura dele, montei a minha moto. Fiz tudo sozinho", conta. Nesta brincadeira ele calcula ter gasto cerca de R$ 30 mil.

Cruz credo

Fã de filmes de terror, Zé Moreira enfeitou sua moto com monstros, fantasmas e uma variedade improvável de caveiras. "Quando passo na rua, tem gente que até se benze. Tem evangélico que sai gritando e começa a rezar", diverte-se.

Ele diz que mesmo circulando como uma "extravagância ambulante", tem tido poucos problemas com a polícia. "Ué, se a polícia está atrás de alguma coisa errada, eles param os motoqueiros que estão tentando se esconder. Eu, com um triciclo desses, tô querendo mais é aparecer", explica Zé Moreira.

Para o mecânico, além da paixão pelas motos, a maior razão para frequentar uma comunidade como a do Dorme Suju's é o companheirismo. "A gente cria laços muito fortes aqui. Se minha moto quebrar na rua ou na estrada, posso ligar para um companheiro vir me resgatar. A gente se ajuda e cuida um do outro. Isso é o que mais vale a pena. Este é um grupo de pessoas muito especiais."

Esses laços afetivos ainda serão mais bem esmiuçados por Barbosa. Seu estudo está apenas no início. Serão três anos de pesquisa com motoclubes e seus curiosos integrantes. "Ainda há muito para ser descoberto, discutido e analisado", diz.

Apesar de seu interesse pela riqueza deste universo, ele mesmo não é motociclista. E ainda que fosse, ele não poderia seguir de moto seus objetos de estudo em viagem. "Se eu quiser acompanhá-los, tenho de ir atrás em um carro. É uma regra deles." UC

O diretor de disciplina tem carta branca para entrar na vida íntima dos associados. Se alguém estiver traindo a mulher ou com problemas no trabalho, ele tem autorização para "se meter". Seu trabalho inclui ainda manter os integrantes longe das drogas